A IDENTIDADE DETERIORADA[1]
Jornalismo e estigmas sociais

Ada Cristina Machado da Silveira[2]

Resumo: *A cobertura jornalística realizada sobre o cotidiano das fronteiras internacionais do Brasil as mantém atreladas a um imaginário de situações recorrentes articulados pela ausência de estado, caos e violência. O artigo relata uma pesquisa sobre os efeitos de sentido nas narrativas da mídia impressa quanto ao reforço/questionamento de estigmas sociais que cristalizam e (re)produzem o cotidiano fronteiriço como periferia particular do estado-nação. Relatamos aspectos de três sub-projetos: a) o frontispício do outro possível; b) a arena cultural descentrada; c) as imagens do estigma. As noções definidoras dos estigmas sociais são identificadas ao constatar-se a realidade marcada pela violência urbana e rural, terrorismo, exclusão social e contravenções legais. Indaga-se a atuação da narrativa jornalística na cobertura do cotidiano fronteiriço, analisando práticas discursivas que permitem atribuir-lhe o papel de estigmatizadora e corroboradora de uma identidade deteriorada.*

Palavras-Chave: *Identidade 1. Narrativas 2. Jornalismo 3.*

---

1. Introdução

O horizonte da globalização apresenta diversas possibilidades atraentes como o fluxo facilitado de bens de consumo, intercâmbio econômico e cultural, deslocamentos internacionais e mútuo conhecimento de populações até então segregadas pelas fronteiras do estado-nação. No entanto, ao observarmos a cobertura jornalística realizada sobre o cotidiano das fronteiras internacionais do Brasil veremos que esta as mantém atreladas a um imaginário de situações recorrentes articulados pela ausência de estado, caos e violência.

Relatamos aspectos de uma investigação que tem como objetivo geral reconhecer e refletir sobre os efeitos de sentido nas narrativas estudadas quanto ao reforço ou questionamento de estigmas sociais cristalizados e (re)produzidos na mídia impressa sobre o cotidiano fronteiriço tomado como periferia do estado-nação. Dividimos nosso referencial teórico em dois tópicos: abordagens empíricas e análises sobre a atividade jornalística na/e

---

[1] Trabalho selecionado para o Grupo de Trabalho "Cultura das Mídias", do XVI Encontro da Compós, na UTP, em Curitiba, PR, em junho de 2007.
[2] Coordenadora do Mestrado de Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. adamach@ccsh.ufsm.br

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

sobre as fronteiras internacionais brasileiras e noções teóricas afetas à narrativa jornalística e aos estigmas sociais. Comecemos pelo primeiro tópico**.**

Dentre tantas produções que reiteram o desconhecimento e estigmatização dos espaços fronteiriços destacamos a série do *Jornal Nacional* (Rede Globo), intitulada *Fronteiras*, e que recebeu reconhecimento internacional com um prêmio do Rei da Espanha. Nela, os espaços fronteiriços de Brasil-Uruguai, Brasil-Paraguai, Brasil-Argentina e Brasil-Bolívia, são enquadrados preferencialmente no tema da ação de milícias noturnas de combate ao contrabando seja de soja, carne e lãs, ou mesmo de produtos eletro-eletrônicos.

Em pesquisa anterior (SILVEIRA, 2007), constatamos que nos diários *Diário da Fronteira* e o *Jornal Cidade*, de Uruguaiana, a presença dos países vizinhos nos temas abordados pelos jornais é feita da mesma maneira que com os países que não fazem contato com a região. Parece que ao se trazer ao cenário midiático fronteiriço um país vizinho isso se faz mais por questões de interesse geral do que por questões de proximidade. É quase como se a existência do país ao lado não fosse de interesse dos habitantes de Uruguaiana. Embora a centralidade do Brasil esteja muito mais distante do que o rio da Prata, é comum encontrar notícias de caráter nacional. Mas é de fato curioso que haja apenas uma pequena - ou nenhuma - presença de temas sobre os países do Prata, mesmo sabendo da imensa troca em termos culturais e como questões de ordem política, social e econômica, interferem na vida das populações fronteiriças e são de seu interesse. [3] Por outro lado, verificando-se os antecedentes da expansão do sistema televisivo na região, evidencia-se que o relativo atraso argentino no tema proporcionaria uma certa dependência daqueles da cobertura televisiva brasileira. Mas é a imprensa escrita que demonstra que a relação ainda não se implementou. Se este testemunho vale para ocasiões especiais e para a cobertura televisiva, na análise de duas edições (13.04.2002 e 12.02.2003) revela que um primeiro aspecto a ser destacado em *O Jornal de Uruguaiana* refere-se ao local de impressão que não ocorre naquele município, mas em Paso de Los Libres, na Argentina. Além disso, verifica-se a presença de assunto de caráter internacional no editorial na forma de texto opinativo. No restante dos exemplares, as notícias são de enfoque regional e nacional. Apesar da proximidade com Paso de Los Libres

[3] No caso do jornal *Diário da Fronteira* - especialmente, dirigido às cidades de Alegrete, Barra do Quaraí, Garruchos, Maçambara, Itaqui, Quaraí, São Borja e Uruguaiana - constata-se que está totalmente voltado para temas do município, praticamente ignorando as relações com as comunidades dos países vizinhos.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

e de conter temas de abrangência internacional, o veículo não traz notícias relacionadas com o país vizinho.

Os resultados também apontam para a necessidade de avanço no conhecimento sobre como se articula a relação midiática do espaço fronteiriço com a nação e com as demais nações colindantes. Constatou-se que as Terras de Fronteira alimentam uma discursividade que propende a ser condizente com a ordem heterônoma determinada pelas políticas de consolidação das fronteiras dos estados-nação do Cone Sul, mas que nem por isso esgotam sua competência discursiva nem abrem mão de sua variedade em termos de estratégias de comunicação. Foi desta maneira que a comunicação em seus territórios criou a relação entre os níveis local e internacional. Para estabelecer as bases de como esse processo se desenvolve, faz-se necessário mover-se entre as narrativas que os articulem.

São alguns exemplos desta situação os que se seguem. Na micro-região da Campanha, a expressiva presença de descendentes de sírios, libaneses, jordanianos e palestinos vem ganhando admiravelmente as atenções da mídia após os eventos de 11 de setembro de 2001 em Nova Iorque. Suas conexões com os muçulmanos vêem ganhando destaque na mídia internacional, convertendo as fronteiras gaúchas de Uruguaiana-*Paso de los Libres*, Sant´Anna do Livramento-*Rivera* e Barra do Chui-*Chuí*, junto à tríplice fronteira de Foz do Iguaçu, no estado do Paraná com o Paraguai e a Argentina, em pontos cruciais para as relações internacionais. Estes locais, via de regra, são tratados jornalisticamente como focos de contrabando, delinqüência juvenil e evasão fiscal. Os queixosos prefeitos e outros políticos destes municípios bem sabem os inconvenientes tanto para si, como para seus eleitores, do fomento deste enfoque de cobertura. O prefeito de Chuí, por exemplo, poucos dias depois do atentado às torres do *World Trade Center* foi prontamente forçado a comparecer às telas da televisão brasileira declarando a inexistência de relações suas com um pretenso primo denominado Osama Bin Lladen. Sua ascendência libanesa chamou a atenção tanto da Polícia Federal brasileira como dos agentes uruguaios. Quase dois anos depois, a imprensa internacional revela que era plano dos Estados Unidos atacar a tríplice fronteira brasileira no lugar de empreender a busca por esta que se considerou a grande liderança do ataque de 11 de setembro de 2002 lá no Afeganistão.

Também analisamos (SILVEIRA, 2007, p. 242) uma matéria de capa de *Zero Hora* quando registrou a queda de um balão que pretendia aterrissar na Nova Zelândia: “O peão

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

bageense que assistiu a cena afirmou que Steve Fosset [o balonista] queria dar a volta ao mundo e caiu no fim-do-mundo".

Estes exemplos reiteram a compreensão de que está fixada uma mentalidade que estabelece a precedência das ocorrências metropolitanas (ou litorâneas), sobre as interioranas, sejam elas fronteiriças ou sertanejas. Naturalizou-se uma mentalidade vinculada à colonização brasileira que começou pela costa litorânea e, desta forma, tende a configurar suas amplas fronteiras internacionais numa periferia particular, "zona ambivalente de contato com um exterior original". Conforme a tradição do Ocidente, a periferia "é um espaço de maravilhas e de horrores, de heróis e de monstros" (LE GOFF 2002, p. 214 e 231). Consideradas como um "espaço de exclusão", as margens periféricas configuram-se também como um espaço especial, de refúgio e liberdade. Assim, os núcleos de produção de ficção televisiva recorrem ao legado cultural regional em busca de uma matéria sólida de representação. Já para estas culturas periféricas, essa é a forma de adentrar no império: através de seus mitos de origem e lendas, símbolos e, especialmente, dos "heróis de fronteira". Se esta perspectiva mítica costuma apresentar suas melhores cartas nas produções de ficção, no jornalismo impresso ela tem sido fonte de alimentação dos mais diversos estigmas sociais. Assim, avançamos para nosso segundo tópico.

2. Jornalismo e estigmas sociais

Temos que o caráter invariável de um estigma o torna estático do ponto de vista da significação, dado que as capas de sentido permitem diversos recobrimentos segundo o contexto cultural em questão (GOFFMAN, 2003). O autor esclarece que não se trata de distinguir um grupo de indivíduos estigmatizados de um outro de indivíduos normais, mas de um processo social para o qual se concorrem ambos os papéis. Desta maneira, eles alcançam ao indivíduo em alguma fase de sua vida posto que a abordagem sociológica do estigma não trata de envolver diretamente a um indivíduo, mas de definir um tipo de interação social que acaba por atingir a qualquer um.

Para a narrativa ficcional, os "heróis de fronteira" apresentam-se como os personagens mais atraentes, enquanto que para a narrativa jornalística, seu heroísmo é absolutamente ignorado e eles são colocados na marginalidade. Esta diferença determina sua abordagem como *estigma*, e não mais como *estereótipo*. Assim, a dinâmica do estigma faz-se relacional segundo o nível de interação social que se privilegie.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

James Valentine (1997, p.75) observou as imagens de marginalizados na sociedade japonesa através do exame do retrato de pessoas concebidas como marginais por sua deficiência física, etnicidade, gênero e sexualidade, entre 1990-92 na televisão japonesa. Valentine constatou que, enquanto as representações de pessoas marginalizadas constróem uma imagem do outro, cada imagem, por sua vez, é tema de um grau de estereótipo. Os deficientes físicos são enquadrados em documentários que necessariamente os têm entronizados num gueto para que a explicação de seus problemas seja operada desde ali. A investigação de Valentine com toda a especificidade que possa ter o tema na sociedade japonesa demonstra que o estereótipo também pode ser utilizado na ausência de interesses definidos nas representações de alguns marginalizados sociais.

Assim, tal marcação negativa operada pela mídia vem a realizar um processo de exclusão que separaria as sociedades fronteiriças daquilo que é tomado por *normal* no contexto das metrópoles plenamente integradas ao estado-nação. Reiterando o que Rosana de Lima Soares (2004) constatou empiricamente, definições e consensos sobre aquilo que é considerado *normal* ou *desviante* determinam os alcances e limites dos estigmas sociais e expressam valores profundamente arraigados na cultura brasileira quanto a sua sociedade e seu território.

3.Jornalismo e narrativa

Tomando a atividade jornalística por suas propriedades como fato de língua, da notícia como forma cultural e dos discursos jornalísticos como dotados de uma estrutura narrativa, pretendemos apontar as configurações de estigmas sociais nelas presentes. Esta abordagem compartilha o caminho traçado por Rosana de Lima Soares (2004, p. 71) na abordagem das relações ente jornalismo e periferia quando reclama a importância fundadora deste e sua "função organizadora das hierarquias sociais (GOMES, 2000, p. 19)". [4]

Uma pequena distinção entre narrativa e discurso faz-se necessária ao partir da definição clássica de narrativa como aqueles relatos de uma transformação na qual há necessariamente a passagem de um estado inicial para um outro final conforme já se definiu uma escola (RIESSMAN, 1993; PROPP, 1972; GREIMAS et COURTÉS, 1979). Quando Soares (2004, p. 72) atenta que "Narrar é contar uma história; os discursos, quaisquer que

[4] Se assumirmos como postulado que o jornalismo constitui-se, sobretudo, como "fato de língua", reitera Rosana de L. Soares (2004) "é possível efetuar o deslocamento de alguns de seus pressupostos, especialmente a questão da objetividade vista como algo externo aos discursos – e, portanto, externo também aos sujeitos que falam -, para entendê-lo, de maneira mais ampla, como uma *narrativa*."

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

sejam eles (incluindo-se os discursos jornalísticos), podem ser definidos como a colocação em ato deste contar e possuem, dessa maneira, uma organização narrativa", ela reitera funções já consagradas pelos autores referidos e que situam os sujeitos no desenvolvimento da narrativa e as transformações que se operam. Este último aspecto é enfatizado por Adam:

> [...] para que haja narrativa, inicialmente é preciso a representação de uma *sucessão temporal de ações*; em seguida, que uma *transformação* mais ou menos importante de certas *propriedades iniciais dos actantes* seja bem sucedida ou fracassada, enfim, é preciso que uma *elaboração da intriga* estruture e dê sentido a essa sucessão de ações e de eventos no tempo. (ADAM *apud* CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004, p. 342)

Margaret Somers e Gloria Gibson (1995, p. 38) chamam atenção para o fato de que muitos clamam por algo muito mais substancial acerca da narrativa, a saber, que a vida social é, ela própria, "estoriada" [*storied*] e que a narrativa é uma "condição ontológica da vida social".

Genette (1972) chama "narrativa" a camada verbal que assume a textualização da história. E desta forma enquadra-se a matéria jornalística estruturada como reportagem pada ser analisada enquanto narrativa.

A informação fotográfica, independentemente do querer e da consciência dos seus fotógrafos e editores, elabora valores de existência que são dados ao consumo de forma de fragmentos da realidade social tendo, pois, um discurso próprio neste sentido, conforme corrobora Adair Peruzzolo ( ). As imagens narram o fato em seqüência recuperando sua ocorrência. Jacques Aumont (2001) propõe que um *"enunciado narrativo que assegura a relação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos"*.

Vale considerar que Walter Benjamin (1991, p. 213) toma a narração não pretenderia transmitir a informação desvinculada do contexto, como costuma ocorrer com a informação. Benjamin a compara a um vaso de argila que, pelo próprio processo de criação, incorpora as marcas da mão de seu artífice. Assim age não o historiador, mas o narrador de uma história. A fonte dos narradores emanaria da experiência pessoal ou coletiva transmitida por via oral, de onde resgatam um conteúdo a ser intercambiado diretamente no seu ambiente. Benjamin (1991, p. 224) consente em que da figura do narrador emanaria a sabedoria, a bondade, o consolo, o que o faria impregnar-se de uma imagem maternal. Esta parece ser a limitação

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

definida à condição da matéria jornalística tomada como narrativa e a principal debilidade de sua abordagem.

4.Jornalismo e estigmas sociais

Estudar a presença de estigmas sociais na cobertura do jornalismo impresso determinou delimitar um *corpus* de análise composto de três sub-projetos:[5]

a) O frontispício do outro possível - análise das características verbais de um conjunto de reportagens sobre a fronteira Brasil-Paraguai-Argentina a partir da cobertura realizada por Carlos Wagner do jornal *Zero Hora* de Porto Alegre-RS e editada em livro "*País Bandido: crime tipo exportação*" pela RBS Publicações.

b) A arena descentrada – análise das características verbais e icono-visuais da cobertura sobre a realidade do Pampa brasileiro, uruguaio, argentino e parte paraguaio realizada por de *Zero Hora* em sete edições semanais publicadas em junho-julho de 2006 intitulada "O *novo retrato do pampa*".

c) Imagens do estigma – análise da cobertura fotográfica do trajeto migratório de latino-americanos para o Brasil através de reportagens de *IstoÉ* de 08.12.2004 e de 03.08.2005.

Optamos por selecionar matérias de um jornal diário regional e uma revista semanal brasileiros a fim de demonstrar, nos discursos jornalísticos, a estrutura narrativa de suas notícias, privilegiando as narrativas sobre *estigmas sociais,* as quais costumam determinar o tratamento jornalístico dado ao cotidiano da fronteira Brasil-Uruguai-Argentina-Paraguai. A escolha das matérias que abordem temas vinculados à integração ou ao cotidiano problematizado a partir de sua condição de fronteira internacional se justifica na medida em que temos um processo de seleção e combinação de elementos distintos apresentados de forma hierárquica. A complexidade que daí se origina tem raízes históricas que remontam à formação do Cone Sul e sua delimitação em distintos estados-nação. Esta estrutura é passível de análise por estar refletida no lugar de fala do jornal, a posição frente à sociedade na qual o jornal, enquanto sujeito discursivo, *localiza-se* no tempo e no espaço.

a) O frontispício do outro possível - As regiões limítrofes de uma nação apresentam características que a individualizam e a estigmatizam no que concerne à dinâmica discursiva

[5] Os sub-projetos são conduzidos pelo grupo de pesquisa *Comunicação, identidades e fronteiras*, coordenado pela autora do artigo e integrado pela profa. Joseline Pippi e bolsistas Leonardo M. do Nascimento e Francieli Rebelatto.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

sobre ela elaborada. Tomando como *corpus* um conjunto de reportagens do diário *Zero Hora*, evidenciam-se as marcas que apregoam à fronteira a crucialidade referida. A análise discursiva permite explicitar a relação de interdependência existente entre os espaços regional e nacional e os mecanismos discursivos empregados na configuração de sua identidade e memória. E uma categoria em especial viria ao encontro das principais marcas e necessidades provenientes do texto. É importante entendermos que este método "visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, [...] pois eles intervêm no real do sentido." (ORLANDI, 2003, p. 26). A nossa busca, então, não vai ser realizada com base na pergunta realizada pela interpretação clássica de "o que este texto quer dizer?", mas sim "como este texto significa?" (ORLANDI, 2003, p.17), particularmente o sistema de inter-relações de alguns aspectos da vida social que agem na região da tríplice fronteira Brasil-Paraguai-Argentina, área geográfica do País-bandido.

A condição transfronteiriça e os estigmas a ela associados pela perspectiva metropolitana facultam ao narrador apresentar diversos os "heróis de fronteira" referidos pela literatura, considerados heróis muitas vezes mitológicos, pois "Personagens lendários é o que não falta no País-bandido" (WAGNER, 2003, p.31). São eles: "Artur Arão" (p. 28), "Fernandinho Beira-Mar" (p. 45), o "terrorista adormecido" (p. 67), o "desertor paraguaio Valdez" (p. 26), "o messiânico monge São João Maria [*Guerra do Contestado*]" (p. 26), "Fucinheiro e Chico-Sem-Medo" (p. 26), "Zeca Vacariano" (p. 26), "João Dias Borba" (p. 27), "Alfredo Stroessner" (p. 32), "o desempregado de Itaipu" (p. 35), "a Quadrilha dos Cabeças Gordas [*formada pelos índios caigangues*]" (p. 38), "o pirateiro" (p. 52), "o Rei da Soja" (p. 63), além de alguns outros.

Para compreender as complexas redes simbólicas que ali agem, precisamos divisar o quanto estas áreas são especiais: num primeiro momento, temos a tendência de classificar a região como, de uma certa maneira, "independente" da lógica institucional por possuir uma lógica orgânica interna; no entanto, partindo do princípio de que na verdade elas não são tão independentes assim, existindo, um sistema de interdependência entre o País *de fato* e o institucional. A narrativa trata de demonstrar a existência de uma dinâmica interna particular, com validade própria e quase que independente do *Estado institucionalmente instituído* (EII) – representado pelos Estados-nação que existem oficialmente, e o *Estado Instituído* (EI)– representado, na reportagem em estudo, pelo País-bandido, a nação que se apresenta de fato.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

Exatamente por possuir essa dinâmica peculiar é que aquela área constitui um frontispício do grande livro de histórias que relata a multiculturalidade do *fronteiro*. Mas com certeza não é somente de doces histórias ou de alegres vizinhos que esta região está cheia: segundo Wagner, ali existe uma grande concentração de *tudo*; os personagens e situações que se apresentam, extremamente peculiares, fazem com que fique ainda mais esdrúxula a dinâmica dos nós de efeitos de sentido existentes na região: ora se aperta o que já está amarrado, reafirmando-se o já instituído e baseado na materialidade lingüístico-histórica, ora se afrouxa um ou outro vínculo, construindo-se um novo dizer e/ou saber-fazer que articula as sempre novas manifestações da Babel do País-bandido com um fazer que (re) funda as arrojadas manifestações ali presentes. Por se mostrar como um lugar especial e particularizado, a área limítrofe que abarca o País-bandido acentua particularmente uma manifestação que colabora pare que assim seja visto: a dinâmica social. Esta dinâmica social particular é "sustentada pelo movimento migratório das populações e suas contínuas transgressões territoriais" (STURZA, s/d, p. 47), produzindo e reafirmando valores na sempre nova conformação social do País-bandido. Podemos perceber que a população do dito País-bandido forma um *outro* povo, assujeitado em forasteiro e ilícito, no entroncamento Brasil-Paraguai-Argentina, justificando a classificação atribuída a este *Estado Instituído* de que "não existe oficialmente, mas sim de fato" (WAGNER, 2003, p. 17).

b) A arena descentrada – O eixo de análise narrativo determinará a presença dos esquemas funcionais (temas e cenários estereotipados) da reportagem enquanto narrativa e seus esquemas actanciais (a ação dos protagonistas, pivôs centrais das representações midiáticas). O *corpus* empírico da pesquisa é constituído por uma série de reportagens impressas veiculadas no jornal de circulação regional Zero Hora, perfazendo um total de sete reportagens temáticas que narram a inserção de novas tecnologias na região do pampa sul americano. Seus títulos, em ordem cronológica, são: - Um carioca na estância; - Um rebanho guiado a satélite; - Sem terra mas com lucro; - As mudas da nova era industrial; - Campos ganham novos tons; - A integração das origens; - Um império se transforma. O horizonte da globalização apresenta diversas possibilidades atraentes: fluxo facilitado de bens de consumo, intercâmbio econômico e cultural, deslocamentos internacionais e mútuo conhecimento de populações até então segregadas pelas fronteiras do estado-nação. A mudança possibilitada pela globalização influencia diretamente na forma como a população local percebe-se como integrante de um espaço fronteiriço e também como a modernização afeta os costumes e a

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

tradição locais. Ao afirmar que "o peão *domou* o computador" (Zero Hora, 16 de julho de 2006, p. 15), o narrador suscita a existência do tradicional (o peão domador), que subjuga ou se adapta a uma nova situação (neste caso, a modernidade representada pela nova tecnologia, o microcomputador), evidenciando o aparecimento de uma nova realidade que dissoa da tradição local. Sendo assim, as relações entre as representações simbólicas da tradição referentes ao gaúcho no pampa e as novas relações entre esse indivíduo e as novas tecnologias torna-se um campo de estudos a ser desbravado, principalmente as narrativas midiológicas trazidas á tona por estas relações dicotômicas – tradição e uso de novas tecnologias. No caso do diário *Zero Hora* já existe uma prática de eventualmente produzir grandes reportagens sobre o cotidiano fronteiriço, enquanto em outros diários, no entanto, restringem-se a pequenas notas ou até matérias de capa que, no entanto, raríssimas vezes chegam a receber o tratamento de reportagem como é o caso em estudo. A série de reportagens intitulada "o novo retrato do pampa" apresenta o pampa como uma região inicialmente assolada pela sua condição fronteiriça, largamente estigmatizada como "confim", "fim de mundo", periferia do estado-nação, atrasada e socialmente sensível. Entretanto, a partir da inserção de novas tecnologias, a região vem sofrendo profundas transformações: está modernizando-se, forçando os indivíduos à adaptação. O novo cenário sócio-econômico estabelecido na região é fator determinante de uma revolução de costumes e implica à adaptação do *gaudério* aos "novos tempos". A presente investigação insere-se justamente nesse nicho de desconstrução/reconstrução analítica da competência da competência narrativa que constrói um "novo retrato" sobre realidade na região. Interessa analisar as reportagens veiculadas pelo periódico em sua constituição narrativa, a fim de determinar as condições dessa nova realidade e suas implicações relativas à re-ordenação da identidade gaúcha na região territorial do pampa sul-americano.

c) Imagens do estigma – A reportagem que tem como título "*A América é aqui*", e trata da entrada ilegal de bolivianos que vêem no Brasil a terra prometida para melhores condições de vida. Há cinco fotografias que não só retratam o fato, assim como criam uma ordem dos acontecimentos normais dessa travessia pela fronteira dos bolivianos, retratando preparação, condições, dificuldades desse fato. Através da fotografia temos não só uma via de conhecimento além do texto escrito, como também a construção do real. O texto fotográfico como evento noticioso busca remeter a uma verdade, e sua direção de leitura esta condicionada ao universo particular de um destinatário, pois ele pode se apropriar do texto

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

visual a sua maneira. È fato, também, que não podemos analisar as fotografias de uma reportagem sem levar em conta os elementos e técnicas de que o enunciador se usa para atingir seu objetivo e propor a construção de uma idéia. Segundo Peruzollo (2004) a fotografia: "Desenvolve um discurso muito peculiar no conjunto da informação jornalística, que vai muito além das estratégias discursivas da objetividade, pois veicula a figura humana e suas ações com valor de consumo. A informação fotográfica, independentemente do querer e da consciência dos seus fotógrafos e dos seus editores, elabora valores de existência que são dados ao consumo de forma de fragmentos da realidade social sendo, pois, um discurso, nesses sentidos".

Considerações finais

A análise da cobertura da mídia impressa no tema das fronteiras internacionais brasileiras reitera o condicionamento da atitude profissional que reproduz um noticiário viciado em torno de alguns elementos recorrentes: *violência urbana e rural* (assaltos, assassinatos, perseguição política a cidadãos de países vizinhos em território brasileiro); *terrorismo* (vínculos com grupos terroristas muçulmanos e colombianos); *exclusão social* (imigrantes e trabalhadores estrangeiros sem documentos e/ou direitos legais, clandestinidade, pobreza) e *contravenções legais* (contrabando de sementes transgênicas, alimentos, roupas e eletro-eletrônicos, abigeato, tráfico sexual e de drogas).

Os critérios de seleção de notícias jornalísticas e seus possíveis efeitos de sentido em relação ao reforço ou questionamento de estigmas sociais cristalizados e (re) produzidos nas mídias quanto ao espaço fronteiriço tomado como periferia particular do estado-nação traz sensíveis repercussões em termos de política de identidade e repercute na formação de uma identidade deteriorada deste espaço nacional.

A arraigada tendência da cultura política brasileira de desprezo ao periférico é reproduzida no cotidiano jornalístico. A constatação de que os enfoques negativos sejam inerentes à atividade jornalística pautada nos acontecimentos ocorridos nas fronteiras internacionais do Brasil posto que reflete o que ali efetivamente ocorre agrega-se a um imaginário predatório à memória e ao patrimônio multicultural. Este contexto opera contra a integração cultural e econômica e frauda expectativas cidadãs de terem sua visibilidade respeitada. Mas é viável criticar a atividade jornalística tendo como perspectiva uma outra visão das fronteiras nacionais? Com Hommi Bhabha ensaiamos uma resposta:

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

> Contra-narrativas da nação que evocam continuamente e apagam suas fronteiras totalizantes - ambas reais e conceituais - perturbam aquelas manobras ideológicas através das quais "comunidades imaginadas" são tomadas como identidades essencialistas. Sendo que a unidade política da nação consiste no contínuo deslocamento de seu espaço moderno irremediavelmente plural, cercado por nações diversas e ainda hostis, como um espaço significante que ainda é arcaico e místico, paradoxalmente representando a territorialidade da nação moderna, na temporalidade patriótica e atávica do Tradicionalismo. Assim, facilmente, a diferença do espaço retorna à Mesmidade do tempo, convertendo Território em Nação, tornando Povo em Unidade. (BHABHA, 1995, p. 300) (trad. nossa).

A partir destes argumentos pode-se apontar que as principais conseqüências para a estigmatização das narrativas acerca do contexto periférico do estado-nação consistem na mútua ignorância que os espaços fronteiriços mantém com relação a eles próprios tomados a partir das cidades que, em seus limites, conhecem fronteiras internacionais.

Autores que trabalham com a realidade das fronteiras internacionais enfatizam que mesmo as sociedades mais democráticas como Inglaterra e França têm se descuidado sobre o que se passa em seus confins (WILSON e DONNAN, 1998; BOURDIEU, 1980).

No caso das populações fronteiriças do Brasil meridional, por um século enfrentando a estagnação econômica e já "acostumadas a dividir suas misérias", como dizem ao aludir à flutuação cambial que ora favorece a Brasil, ora a Uruguai, Argentina ou Paraguai, demandam soluções de desenvolvimento regional que devem ser pensadas a partir do espaço local. O predomínio de uma agenda orientada pela ocorrência de acontecimentos negativos nas fronteiras internacionais do Brasil, agregada a um imaginário de preconceitos e estereótipos, opera contra a integração cultural e econômica do Mercosul e referenda os valores do nacionalismo exacerbado. As mazelas do estado-nação, tão criticadas pela pós-modernidade, se perfilam de forma exemplar nos espaços fronteiriços. A mentalidade autoritária, o verticalismo das hierarquias, os grandes relatos borradores do heroísmo da existência cotidiana, a subjetividade cristalizada em objetivações estéreis têm feito das terras de fronteira brasileiras um território de emigração. Para reverter este quadro, que até mesmo os organismos de fomento já estabeleceram como prioridade em seus editais, um grande esforço de conscientização é necessário, para o qual as representações midiáticas desempenham um papel fundamental. É delas a tarefa de construir a mensagem do futuro, animando os conteúdos do horizonte utópico previsto pela integração.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

Benedict Anderson (1983) enfatizou a criação de comunidade imaginadas a partir do desenvolvimento da indústria editorial para ressaltar a importância da atividade midiática na formação de um imaginário comum. O historiador Anthony D. Smith (1997, p.154) julga a identidade nacional como a principal forma de identificação coletiva ao fazer-nos acreditar no especial, imprescindível e insubstituível legado herdado por seus compatriotas. O simbolismo os designa pertencer mutuamente a uma comunidade específica, onde louvam sua origem comum e fazem reluzir fortes reminiscências.

De acordo com uma tendência crítica no tema (CVETKOVICH e KELLNER, 1997), é fundamental ter em conta que a globalização aponta para uma diversidade de compreensões que descortinam um futuro plural no que concerne às novas relações que estão sendo implementadas, mas que a localização territorial, o espaço local, é um elemento imprescindível a ter em conta e não o tomar as fronteiras como mero corredor de passagem entre as metrópoles. São evidências teóricas que apontam para a necessidade de considerar a atividade da mídia impressa como imprescindível na definição de políticas de comunicação e instrumentos que fortaleçam a formação de novas identidades que venham a substituir os antigos vínculos no contexto da globalização.

Conforme se analisa, as noções definidoras dos estigmas sociais são as que podem ser confirmadas. Os estigmas como categorias invariantes repetem sua articulação em relação a uma estrutura. E é desta forma, as populações fronteiriças do sul do Brasil que conhecem uma realidade de pluralismo cultural sofrem desta falta de visibilidade, lamentando-se de que, quando são notícia, reconhecem-se apenas pela via de uma identidade deteriorada.

Referências

ANDERSON, B. **Imagined communities: Reflections on the origin and spread of nationalism.** London: New Left Book, 1983.

AUMONT, J. **La imagen.** Barcelona: Bosch, 1994.

BELL, A. New stories as narratives. In: **The Discourse Reader.** COUPLAND, N., JANKOWSKI, A. Nova Iorque: Routledge, 2002. p. 236-251.

BENJAMIN, W. Le narrateur. In: **Écrits français**. Paris: Galimard, 1991.p. 205-229.

BHABHA, H. **Nation and narration.** Londres, Nova Iorque: Routledge, 1995.

BOURDIEU, P. L´identité et la représentation: eléments pour une réflexion critique sur l´idée de región, **Actes de la Recherche en Sciences Sociales,** 1980, v. 35. p. 63–72.

CVETKOVICH, A. e KELLNER, D. (Org.). **Articulating the global and the local, globalization and cultural studies.** Boulder (Colorado): Westview Press, 1997. p.1-30.

GOFFMAN, I. **Estigma**. Buenos Aires/Madri: Amorrortu, 2003.

GOMES, M. R. **Jornalismo e ciências da linguagem**. São Paulo: Hacker/Edusp, 2000.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

GREIMAS, A. J., COURTÉS, J. **Sémiótique. Diccionnaire raisonné de la théoríe du langage**. Paris: Hachette, 1979.

GREIMAS, A. J. **Semiótica y Ciencias Sociales**. Madri: Fragua, 1980.

LE GOFF, J. Centro/Perifieria. In: LE GOFF, J. e SCHMITT, J.-C. **Dicionário temático do Ocidente Medieval.** Bauru: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. v. I. p.201-217.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** Campinas: Pontes, 2003.

PERUZZOLO, A. C. O valor da informação fotojornalística em ZH. Trabalho apresentado ao NP 20- Congresso da Intercom 2004.

PROPP, V. Estructura e historia en el estudio de los cuentos. In: **Polémica Lévi-Strauss & V. Propp.** Madri: Fundamentos, 1972. p. 89-120.

RIESSMAN, C. K. **Narrative Analysis.** Londres: Sage, 1993.

SHANNON, C; WEAVER, W. **The mathematical theory of communication**. Urbana(EUA): University of Illinois, 1962.

SMITH, A. D. **La identidad nacional**. Madri: Trama, 1997.

SILVEIRA, A. C. M. da. (Org.) **Mídia insurgente. Articulação global-local em Terras de** Fronteira. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2007.

SOARES, R. de L. Narrativas da notícia: jornalismo e estigmas sociais, **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática,** Santa Maria, V.III, n.1, 2004, p. 70-79.

SOMERS, M. R. and GIBSON, G. D. Reclaiming the Epistemological "Other": Narrative and Social Constitution of Identity. In: CALHOUN, C. (org.) **Social theory and the politics of identity**. Cambridge (EUA): Blackwell, 1995. p.37-99.

STURZA, E. R. Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas lingüísticas nas fronteiras brasileiras. In: **Línguas do Brasil,** n. X, 199X. p. 47-50.

VALENTINE, J. Skirting and suiting stereotypes. Representations of marginalized sexualities in Japan, **Theory, Culture & Society**, London: Sage, V.14, n. 3, 1997. p.57-85.

WAGNER, C. **País-bandido: crime tipo exportação**. Porto Alegre: RBS Publicações, 2003.

WILSON, T. M e DONNAN, H. (ed.). **Border identity: nation and state at international frontiers**. Cambridge (RU): Cambridge University, 1998.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o **Galoá** proceedings